

Este Editorial, antes de privilegiar o conteúdo da revista, servindo como uma forma condensada de guia ao leitor, não pode deixar de colocar em primeiro lugar o reconhecimento ao trabalho editorial de duas pesquisadoras que, desde o surgimento da *Kairós Gerontologia* em 1998, publicada sempre sem interrupção, fizeram dela o espaço editorial consagrado que é à causa gerontológica.

A ordem do nome das duas pesquisadoras a seguir, na formulação de nosso reconhecimento e agradecimento, não se deve a nenhuma razão de ordem de valor, mas se explica justamente por obedecer à ordem de nomes da editoria que consta em todas as edições lançadas pela revista: Beltrina Côrte & Suzana da A. Rocha Medeiros.

Beltrina, a jornalista que, além de assumir vocacionalmente a questão gerontológica em sua docência, em suas produções acadêmicas pessoais e nos grupos de pesquisa, fez a *Kairós Gerontologia* acontecer semestralmente, e gerar frutos como o *Caderno Temático Kairós*, também semestral.

Falar do percurso cruzado de ambas as produções, é falar a um só tempo do trabalho de Suzana da A. Rocha Medeiros, professora-emérita da PUC-SP, acima de tudo nossa decana-mestra que dispensaria qualquer dizer sobre ela, identificada que é com o domínio do Envelhecimento e questões conexas como *O Morar para a Pessoa Idosa*, mas a quem temos que prestar reverência, e um tributo eterno, por ter sido – na sua missão de assistente social – uma das primeiras na PUC-SP para não dizer no Brasil, a vislumbrar a singularidade da pessoa idosa que necessitava ser compreendida em suas necessidades e exigências.

Assim o presente Editorial poderia até parecer redundante - no reconhecimento ao trabalho empreendido por ambas as editoras-científicas -, a não ser que afirmemos que os dizeres aqui presentes são fundados no registro da amizade e do agradecimento.

O que pretendemos aqui é justamente dizer dos sentimentos que nutrimos por Beltrina e Suzana, e a quem somos tributárias, em especial de uma proposta editorial de que tiraremos muito proveito, e cujo sentido impresso por elas, podemos dizer que, em grande parte, estará em nossa prática. Elas assumiram por nós e antes de nós uma posição nas produções editoriais [que nos evoca uma metáfora *mutatis mutandis* de Michel Arrivé] de que também partilhamos: a de ser como biombo, a um só tempo poroso e trespassado de aberturas, oferecendo várias opções teóricas como passagem, quando se sabe de quanto os conceitos teóricos e os próprios dados são de caráter fugidio e plural, a despeito da tentativa de os estudiosos delimitar-lhes seu sentido e campo de validade.

Quase no final de 2009, as editoras Beltrina e Suzana passaram-nos, a mim Flaminia e à colega Beth, a incumbência de levar adiante o propósito de que nossa revista *Kairós Gerontologia* não deixasse

de ser publicada semestralmente. E que os Cadernos *Temáticos Kairós* também seguissem essa mesma regularidade de publicação.

Assim Beltrina poderia, a partir daí, dedicar-se, de corpo e alma, ao *Portal do Envelhecimento* e ao *OLHE-Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento*, duas de suas realizações consequentes, ao lado de toda uma equipe de alunos, ex-alunos e colaboradores a quem ela dá a chance de também vocacionar-se para a questão emergente do como viver mais e melhor.

Suzana, nossa decana na pesquisa sobre a condição humana, passaria a centrar-se nas atividades de seu basilar projeto, o *NEPE-Núcleo de Pesquisa em Envelhecimento*, do qual é idealizadora e coordenadora, e da atual pesquisa interdisciplinar de título “Onde vamos morar em 2030?”.

Assumindo a responsabilidade de editoras científicas com muito gosto, lançamos, com muito mais gosto ainda, este volume *I2(2)*, com data de novembro de 2009, onde onze trabalhos de membros de nossos grupos de pesquisa e membros de pesquisas de instituições brasileiras e de fora do Brasil, com os quais esta Revista propõe um contínuo diálogo, são publicados.

Pesquisas fundadas em questões teórico-metodológicas incidentes sobre a questão da velhice e do envelhecimento, assim como da posição ou conduta de profissionais dessa área de pesquisa, ensino e extensão, diante dos desafios no presente e futuro trazidos por diferenciadas velhices e diferenciadas patologias.

Velhices estas, muitas delas cada vez mais avançadas cronologicamente falando, mas ainda de pouca visibilidade, em sua diferença, aos olhos da sociedade e especialmente aos das políticas públicas. Diferenças cada vez mais acentuadas em termos de suas competências e habilidades, quando não de necessidades e exigências, muito particulares e justas de cada uma.

“O sujeito e o efeito da própria fala na afasia e na demência” é a discussão que sua autora enceta, abrindo com felicidade o presente volume *12.2*, a partir de sua pesquisa acadêmica, tema esse tecido em Grupo de Pesquisa do Lael/PUC-SP. Levando em conta as manifestações sintomáticas de alguns quadros clínicos incidentes na velhice, a articulista revela que - a partir de uma problematização à luz de estudos da linguagem (na relação sujeito-língua-fala e sobre as mudanças ocorrentes na fala de um sujeito em sofrimento) - na oposição entre “fala vazia” e “fala plena” (cf. Lacan, seminário 1), pode-se dizer que a primeira não deixa de ser “*plena de uma verdade sobre a relação profunda e indissolúvel do sujeito com a linguagem*”. Esta afirmação aponta que, na demência e afasia, enquanto há fala coexistem uma língua e seu falante; a teorização saussuriana nos afirmara, de fato, (1991/1916) a anterioridade de língua a qualquer falante e sua permanência para além da existência desse falante. Ainda que se apresente, nos falantes idosos aqui focados, uma desarticulação profunda entre fala e escuta e entre fala e realidade, e ainda que estes falantes não se apresentem no intervalo entre os significantes, os acontecimentos aqui referidos evocam um agir reflexivo sobre o sujeito do discurso, além da reflexividade própria da língua sobre si mesma.

O texto seguinte que compõe a Kairós 12.2, “ ‘Comme un légume?’ - A experiência de Claude Couturier, portadora da Doença de Alzheimer”, apresenta, conforme diz o próprio título, a perspectiva de alguém portador da doença, mas que dela se distancia ao expô-la na incidência cotidiana por meio de sua escrita em um diário, suprindo o que o aparato mais tradicional da área médica não consegue encaminhar. O artigo mostra que não apenas a portadora, aqui analisada em seus relatos, tenta dar conta à sociedade da luta para lidar com a temível doença, mas tenta uma forma de atenuar, com muitas palavras de esperança e seu exemplo de contínua atividade - participando de reuniões, compartilhando sua vivência com outros, fazendo trabalhos para a associação, pintando e publicando seu diário -, a vida daqueles em sofrimento. Tal postura de Claude, segundo a articulista, incita-nos a buscar outras possibilidades de pensar os processos demenciais, incluída aí a temível Doença de Alzheimer, além de desafiar nossas estratégias de atenção à saúde dos portadores da DA, que devem desviar o foco da impotência, para centrar-se nas possibilidades presentes.

O terceiro texto de título “O Comprometimento Cognitivo Leve em Idosos: avaliação, fatores associados e possibilidades de intervenção”, aponta que um menor declínio cognitivo no idoso está na dependência de cerca de nove fatores de ordens diversas: uma maior escolaridade; maior suporte social; histórico de saúde positivo; maior engajamento social; estilo de vida positivo; melhor saúde percebida; menos queixas subjetivas de memória; melhor saúde mental; menos sintomas depressivos. A seguir, que os métodos de avaliação do DCL exigem várias etapas, requerendo um olhar multiprofissional para as possibilidades de intervenção, que envolvem atividades preventivas e de controle dos fatores de risco, intervenções que ajudam a evitar a evolução do declínio; além da reabilitação neuropsicológica, esta última para os acometidos por uma patologia demencial.

O quarto texto, intitulado “Gestão Multiprofissional em Gerontologia do Tratamento Farmacológico às Intervenções Psicossociais”, faz considerações sobre as mudanças exigidas pela sociedade contemporânea no perfil dos gerontólogos e geriatras brasileiros, que possibilitem ações mais eficientes em relação às demandas da realidade social, principalmente a partir da assunção da interdisciplinaridade, que permite dizer que o destino do humano não se limita à sua condição biológica; portanto, longe de subestimar a utilidade dos tratamentos químico-farmacológicos e o alívio da dor que proporcionam a um paciente, é preciso, pois, considerar que para tratar do homem nos seus sofrimentos psíquicos deve-se ir para além de uma simples utilização de fármacos. Tratamentos de outra ordem, em que são exemplares as intervenções psicossociais, fornecem ao cuidador, a família e ao ambiente, melhores condições para que o envelhecimento ocorra em sua plenitude.

O perfil de cuidadores a idosos também merece neste volume algumas novas considerações, precisamente no quinto texto intitulado “Ações para Capacitação de Cuidadores em Unidades de Saúde da Família”. Destaca-se o quanto a capacitação de cuidadores, a partir do procedimento da visita domiciliar, quando se tem a real visualização das necessidades do idoso e da família, pode promover

uma competente formação profissional, revalorizando-se o trabalho em equipe, visando à autonomia desses cuidadores, quando eles se dão conta de sua fundamental participação no desenvolvimento das estratégias de saúde no cenário brasileiro.

Continuando o tema sobre cuidadores de idosos, o sexto texto intitulado “Filhos cuidadores: escolha, mudanças e desafios”, mostra, de um lado, como os filhos, ainda que sejam únicos, ou tenham proximidade física a seus pais, nunca são ou estão preparados para desempenhar o papel de cuidadores, especialmente de pais dependentes, ainda que as razões para os cuidados sejam por amor ou uma escolha voluntária, já que pensar em institucionalização acarretaria sentimentos de culpa e vergonha; de outro lado, que o suporte social somente é oferecido a filhos cujos pais tornam-se egressos de uma internação hospitalar dependente de cuidados e são aqueles que passam pelas maiores mudanças, escolhas e desafios: uma realidade que alerta para o fortalecimento e a efetivação de políticas públicas voltadas aos idosos, e que estas possam alcançar não só uma parcela deste segmento, mas um coletivo que ainda necessita de informação, orientação, e uma ação efetiva.

Nessa direção de aperfeiçoamento das políticas públicas, o sétimo texto, intitulado “Modelos de Política de Cuidados na Velhice em Portugal e em alguns países europeus”, permite identificar padrões de política de cuidados na velhice em Portugal e em alguns países europeus, a partir de modelos de Estado providência, já testados anteriormente, situando nessas estruturas a importância das orientações recentes da União Europeia. Assim, a política de cuidados às pessoas idosas deve orientar-se para a promoção da autonomia e independência pessoal, a partir da integração dos cuidados em áreas como a social e a de saúde, abrangendo determinados grupos, como o das pessoas idosas, ou outras dependentes que necessitam de cuidados preventivos, curativos, de reabilitação ou paliativos... quer sejam eles prestados em instituições, quer no domicílio, prevalecendo este último sobre o primeiro, sejam eles formais e informais, efetuados por profissionais pagos ou não pagos, incluindo os cuidadores familiares, e ser da responsabilidade do Estado, da sociedade civil, do mercado e da família. Em seguida, é exposto o que existe atualmente em Portugal em termos de respostas sociais propiciadoras de cuidados às pessoas na condição de velhice, ressaltando-se o desafio que ainda existe a ser enfrentado. A União Europeia tem-se mostrado preocupada com esta questão, e elaborado algumas diretivas para tais investimentos pelos países- membros na organização da política de cuidados. Suas orientações neste domínio vão em vários sentidos, focando, por exemplo, a formação profissional e o apoio ao cuidador familiar, por meio da criação de serviços que valorizem os serviços prestados no contexto familiar; promovendo a conciliação entre trabalho doméstico e cuidados às pessoas dependentes.

“Vida e trabalho: conteúdos existenciais para idosos que viveram o século XX” é o oitavo texto aqui publicado e enfatiza a relação de “unissonância entre vida e trabalho” presente nos relatos de profissionais do campo da alfaiataria, na tessitura de suas memórias no contexto do século último. Reflexão que aponta as consequências positivas de o trabalho ser concebido como via de atribuição de

um “sentido à vida” do trabalhador, no presente caso em âmbito artesanal. Acresce-se, a nosso ver, a relevância desta leitura que nos leva a pensar a respeito do trabalho nestes tempos de globalização do século XXI, funcionando como uma base substancial de esperança e força a ser mantida, não apenas aos mais idosos, mas especialmente à compreensão dessa problemática pelas pessoas mais jovens. Justamente quando se verifica em boa parte dos países — contrariamente à feliz relação uníssona manifesta neste artigo — que, na verdade, vem ocorrendo um distanciamento entre trabalho e vida para os atuais profissionais dos mais variados campos. Questão preocupante que pede ampla e urgente discussão a partir de um movimento em que vale como exemplo o homogeneizante e preocupante lema neoliberalista “Trabalhar mais para ganhar mais” (a bandeira de campanha do governo francês Nicolas Sarkozy). Tal competitividade exigida no trabalho passa a ser entendida, ainda, no cotidiano dos trabalhadores, como todos sendo obrigados a *trabalhar mais*; para *ganhar menos*. Ou o que de ideológico subjaz a isso tudo: a tentativa de os Estados reduzirem sensivelmente as pensões de seus cidadãos, conseqüentemente, reduzirem-se os custos sociais dos governos, como recomendação maior da União Europeia. Sabe-se que estender a idade para a aposentadoria de 60 para mais alguns anos não deixa de ser “uma simplificação propagandística de questões muito mais complexas” aí envolvidas. Problematizar a danosa homogeneidade das atuais institucionalizações trabalhistas, em um movimento intergeracional, entre pessoas idosas e jovens, poderá ser o caminho para que os jovens – esclarecidos pelos idosos quanto ao valor identitário e ético do trabalho – possam, a partir de seu entusiasmo, resistirem ao que está sendo imposto, e tomarem a frente, a favor de mudanças substanciais nessas relações atuais entre trabalho e uma vida digna de ser vivida.

O nono texto intitulado “Relação entre avós e seus netos no período da infância”, de acordo com a perspectiva de avós entrevistadas, mostra-as fortemente vinculadas a seus netos, mantendo contato praticamente diário com eles e sentindo-se satisfeitas com esta relação. Tal frequência de contato revela-se fator importante para irem aumentando os efeitos positivos dessa relação, especialmente para as avós que, sem essa proximidade com os netos, poderiam ser vítimas de solidão.

“As expectativas profissionais dos alunos universitários na maturidade”, título do décimo artigo desta *Kairós* 12(2), pesquisou os motivos que têm conduzido pessoas na maturidade a ingressar em cursos superiores de graduação e suas expectativas após a formatura: a busca por atualização, aliada à estratégia de escapar da solidão e/ou realizar um sonho, todos esses fatores refletindo a preocupação dos idosos em buscar envolvimento com diferentes pessoas e atividades, enfatizando a importância de projetos de vida, que irão gerar benefícios de diversas ordens. Também almejar uma vida melhor, com qualidade e com cultura, somada à “bagagem de vida” que já adquiriram após as cinco ou seis décadas de vida: nesta relação com o mundo, o ser humano, concebido como um ser de práxis (reflexão-ação), é também compreendido como histórico-cultural, na medida em que, ambos inacabados, encontram-se

numa relação permanente, na qual o homem, transformando o mundo, sofre os efeitos de sua própria transformação.

Encerra-se este volume 12(2), da *Kairós Gerontologia*, com o *Relato de Experiência* de título “Caracterização do portador de HIV/AIDS acima de 50 anos”, que mostra a incidência maior de idosos com HIV/AIDS (Vírus da Imunodeficiência Humana / Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), requerendo que se criem políticas públicas sociais para atender a essa população. Verificou-se que a forma de contágio pelo vírus se dá através de relação sexual, mas, mesmo assim, grande parte dos idosos afirma não utilizar o preservativo, contribuindo para o aumento da epidemia nos dias atuais e trazendo uma evolução desta doença futuramente. Dificuldades para conseguir obter informações dos sujeitos devem-se ao medo de exposição de seu temido problema de saúde, de exposição de suas identidades, de serem reconhecidos, tudo dificultado pelo medo do preconceito social e pelos próprios preconceitos. Para a diminuição dessa epidemia, são necessárias ações e atividades multiprofissionais (tais como: as de assistentes sociais, psicólogos e de pessoal da área médica, de gestores). A maior parte dos sujeitos tem como característica a falta e/ou baixa remuneração, contribuindo para a exclusão social, podendo esta ser referenciada através da baixa escolaridade. É predominante o número de pessoas viúvas e solteiras, o que não garante que estas mantenham um parceiro sexual fixo. A adoção de políticas públicas de saúde, que concentrem sua atenção na população mais madura, faz-se necessária para conter o avanço da AIDS entre os indivíduos com mais de 50 anos, pois dados estatísticos existem para considerar que já vivemos uma epidemia de AIDS na população idosa. Tais políticas devem levar em consideração aspectos psicológicos, socioeconômicos e culturais que interfiram na vulnerabilidade desse grupo etário. Além disso, mais atenção deve ser dada às questões de sexualidade no envelhecimento, ao uso abusivo de drogas, à promiscuidade, dentre outros fatores determinantes para a contaminação dessa população ao HIV/AIDS. É necessário também que ocorram novas pesquisas voltadas a esse público, devido a diversos fatores como envelhecimento populacional, incidência e prevalência de outros agravos à saúde da população acima de 50 anos, haja vista que longevidade e qualidade de vida são buscadas incessantemente pela população mundial.

Longevidade e vida digna na velhice são temas emergentes desta primeira década do século XXI, e que não deixam de estar presentes neste, e certamente o estarão, nos próximos volumes da *Kairós* de 2010: o 13(1) e o 13(2), para os quais desde já convidamos os leitores a ler, em seguida a este 12(2).

Contamos, além de sua leitura, com suas críticas e questionamentos à Editoria e/ou a seus articulistas, assim como futuras contribuições com nossa *Kairós Gerontologia* e com o *Caderno Temático Kairós*.

Flamínia Manzano Moreira Lodovici
flalodo@terra.com.br

Elisabeth Frohlich Mercadante
elisabethmercadante@yahoo.com.br
(Editoras científicas)